

Varição semântica e a noção de Hierarquia Funcional-Conceptual

Valdilena Rammé

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA),
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil
val.ramme@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-1794-3278>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i1.2011>

Resumo

Dentro da Nanossintaxe, a variação no comportamento sintático-semântico de distintas classes é explicada pelo fato de que línguas diferentes codificariam partes distintas de sequências funcionais hierárquicas em diferentes itens lexicais. Essas sequências seriam, por sua vez, construídas a partir de conceitos primitivos muito mais finos do que as categorias sintáticas tradicionais e se aproximariam de uma decomposição semântico-conceitual como a proposta de Jackendoff (1983, 1990, 1997). Para diversos autores (STARKE, 2010, 2011; CAHA, 2009; PANTECHVA, 2011), a questão da variação se reduziria, então, à diferença no tamanho das estruturas estocadas em diferentes itens do léxico. Este trabalho apresentará, assim, uma discussão sobre a relevância da aplicação da noção de hierarquia funcional-conceitual na análise das preposições do português brasileiro.

Palavras-chave: hierarquia funcional-conceitual; variação semântica; preposições.

Semantic variation and the notion of Functional-Conceptual Hierarchy

Abstract

Within Nanossyntax, the variation in the syntactic-semantic behavior of distinct classes is explained by the fact that different languages would encode distinct parts of hierarchical functional sequences inside different lexical items. In turn, these sequences would be built from primitive concepts much finer grained than traditional syntactic categories and would approach a semantic-conceptual decomposition such as Jackendoff's (1983, 1990, 1997) proposal. For several authors (STARKE, 2010; CAHA, 2009; PANTECHVA, 2011), the question of variation would then be reduced to the difference in the size of the structures stored in different items of the lexicon. Therefore, this paper will present a discussion about the relevance of the application of the functional-conceptual hierarchy notion in the analysis of Brazilian Portuguese prepositions.

Keywords: functional-conceptual hierarchy; semantic variation; prepositions.

Introdução

No português brasileiro (PB), é interessante observar que são abundantes os fenômenos de variação e sincretismo no que concerne ao uso das preposições. Fruto disso, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas para descrever e tentar explicar as razões e as restrições desta variação, assim como os caminhos para as possíveis mudanças que envolvem tais itens.

Um exemplo dessa característica do PB pode ser observado nas sentenças de (01) a (07), abaixo:

- (01) Correu embaixo da marquise.
- (02) Correu debaixo da marquise.
- (03) Se protegeu da chuva debaixo da marquise.
- (04) Se escondeu atrás da casa.
- (05) Se escondeu detrás da casa.
- (06) Correu atrás dos meninos.
- (07) Correu detrás dos meninos.

Na sentença (01), o item ‘embaixo de’ carrega dois sentidos e permitiria duas interpretações: em uma delas, poderíamos entender que introduz a direção ou o alvo do movimento; na outra, estaria introduzindo o lugar dentro do qual o movimento começa e termina (interpretação puramente locativa). Paralelamente, em (02), o item ‘debaixo de’¹ pode ser interpretado como introduzindo o alvo, o local ou o ponto de origem do movimento. Já na sentença (03), pode-se verificar que o uso de ‘debaixo de’ permite somente uma leitura puramente locativa, fato que comprova uma das interpretações disponíveis no exame de (02). Ao analisarmos (04) e (05), por sua vez, percebemos que tanto o item ‘atrás de’ quanto o item ‘detrás de’ também permitem leituras puramente locativas. Finalmente, a análise dos itens (06) e (07) demonstra que, para além da interpretação locativa, essas preposições podem introduzir alvos de movimento.

O que é interessante nessas análises é o fato de, por se tratarem de locuções prepositivas (também chamadas preposições complexas), esses itens apresentarem uma morfologia que permitiria destacar outras preposições, nomeadamente ‘a’, ‘em’ e ‘para’, que poderiam estar contribuindo com algum traço de suas próprias estruturas semânticas ou conceituais para o significado das locuções.

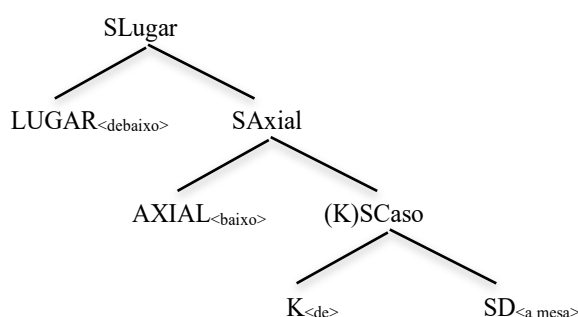
Assim, em um primeiro momento, seria possível conjecturar que a preposição ‘de’, tradicionalmente associada ao conceito de *fonte*, estaria contribuindo com este sentido para a composição do significado das locuções em que aparece. O restante do significado seria acrescentado pela parte nominal da locução que, por sua vez, codificaria um conceito identificado como *axial part* (SVENONIUS, 2007). Segundo o autor, o traço contribuído por tais nominais não seria interpretado como a parte do objeto que nomeiam, mas como um espaço ou região definida em referência àquela parte.

Portanto, quando usamos a locução ‘ao lado de’, por exemplo, o nominal ‘lado’ não seria interpretado como uma parte do objeto, mas uma região de referência em relação àquela parte do objeto, neste caso, o lado. Para Svenonius (2007, 2010), em termos nanossintáticos, esse traço estaria codificado nas sequências funcionais hierárquicas de tais itens, i.e., o significado de um item como ‘ao lado de’ conteria um traço *axial part* que contribuiria com um sentido de região em relação ao objeto de referência.

¹ Neste trabalho, trataremos as chamadas “preposições complexas” ou “locuções preposicionais” em outras abordagens como um único item lexical. Esse posicionamento leva em conta o comportamento morfossintático-semântico sistemático e regular de tais itens. Ainda, quando estamos discutindo um determinado item lexical, colocaremos tal item entre aspas simples, como é o caso de ‘ao lado de’. Já os exemplos de sentenças em que tais itens estão sendo usados ficarão entre aspas duplas: “Joana está ao lado de Pâmela”.

A noção de hierarquia para a organização destes conceitos, portanto, é fundamental. Dentro do quadro teórico da Nanossintaxe, tem-se defendido que é, exatamente, a Sequência Funcional ou Hierarquia Funcional que opera para restringir a ordem com que estes traços são lexicalizados (STARKE, 2010). Neste contexto, lexicalização é entendida como a codificação de tais traços por itens de superfície (palavras e morfemas). A estrutura sintática de uma língua depende, assim, de como os traços da hierarquia estão distribuídos em diferentes itens lexicais. Como ilustração, observemos a decomposição do item ‘debaixo de’ baseada na Sequência Funcional proposta por Svenonius (2010) para o inglês:

(08) Joana está *debaixo da* mesa.



Como se pode observar, na representação acima, um item como ‘debaixo de’, em PB, codificaria a estrutura [SLugar[SAxial[SK[SD]]]]. Por esta razão, ele seria um bom candidato pra lexicalizar parte da construção “Joana está debaixo da mesa”. Assim, a Nanossintaxe propõe que não só os traços que um item lexical codifica são importantes para a sintaxe, como também a hierarquia em que esses traços estão estruturados restringe a possibilidade de inserção de um item. Deste modo, faz-se importante retomar a noção de Hierarquia na literatura, para considerarmos as consequências de sua aplicação teórica. Na próxima seção, discutiremos a conceptualização de hierarquia em distintas teorias que analisam os sentidos das preposições. Na seção seguinte, então, abordaremos brevemente a proposta nanossintática de Hierarquia Funcional ou Conceitual. Finalmente, na seção de análise, observaremos as preposições ‘atrás de’ e ‘detrás de’ do PB para verificar se uma análise que considere as restrições impostas por uma hierarquia funcional ou conceitual pode nos ajudar a entender a grande variação e os casos de sincretismo observados nos dados do PB.

Hierarquias Funcionais-Conceituais e preposições

Dentro do quadro Nanossintático, Svenonius (2007, 2010), Caha (2009) e Pantcheva (2011) propuseram diferentes decomposições hierárquicas para os conceitos comumente codificados por preposições e aposições. Contudo, antes de analisarmos essas propostas, faremos uma breve excursão na literatura que investiga preposições para verificar como a noção de hierarquia é concebida por outros autores. É imprescindível registrar, deste modo, que, mesmo que a noção de hierarquia esteja presente em muitos trabalhos que se colocam na interface da sintaxe e da semântica, não nos ateremos aqui à análise de hierarquias temáticas, muito embora a hierarquia proposta por Jackendoff

(1990) carregue esta definição. Nos preocuparemos, neste trabalho, com a concepção de hierarquias dentro de uma perspectiva localista, deixando para investigações futuras a relação destas com hierarquias temáticas².

Um trabalho recente que merece destaque é a investigação de Zwarts (2010). Este autor propõe uma ampla análise da distribuição dos conceitos locativos e direcionais, assim como de sua interação, em diferentes sistemas: línguas com marcação de caso puramente morfológica, línguas com marcação de caso morfológica e com um sistema de posições interagindo, línguas sem caso marcado abertamente e com um rico sistema de posições etc.

Embora evite qualquer tipo de comprometimento com uma teoria sintática e se dedique exclusivamente a uma avaliação semântica da interação dos conceitos de *rota*, *fonte* e *alvo* em relação com o conceito de *lugar* – ou *Loc* na nomenclatura do autor –, o que Zwarts (2010) evidencia é que há sim material empírico translinguístico que justifique a defesa da existência de uma hierarquia universal destes conceitos e que a variação residiria nos mecanismos que diferentes línguas naturais empregam para estocar estes traços em itens de superfície.

Abstraindo da discussão interessantíssima desenvolvida no trabalho em questão, vamos nos ater aqui a dois parâmetros importantes que podem ser retirados das observações: (a) existe uma hierarquia que regula a maneira como as línguas lexicalizam as noções de *rota+lugar*, *fonte+lugar* e *alvo+lugar*, que se distribuem como um sistema de forças – o processo mais à esquerda sendo o mais forte – e que pode ser postulada como em (09) abaixo. Além disso, ao mesmo tempo, (b) existe uma hierarquia dos conceitos próprios de localização, expostos em (10), que limitam o espectro da variação que uma língua pode apresentar na codificação destes conceitos em diferentes itens ou morfemas (casos). O parâmetro relacionando as duas está traduzido em (11) (SWARTZ, 2010, p. 14).

(09) Substituição > Marcação > Projeção > Regência, Reordenamento > Identidade³

(10) AT < IN, ON < NEAR < BEHIND, FRONT, OVER, UNDER

(11) Se $X < Y$ e D é uma direção, então a codificação de $D+X$ é pelo menos tão forte quanto a codificação de $D+Y$, dado (10).

² Para uma discussão sobre hierarquias temáticas, o(a) leitor(a) pode buscar o texto de Soares & Menuzzi (2010).

³ Zwarts chama de *Suppletion* (Substituição) a completa troca do item que marca o sentido locativo por um outro item distinto; *Marking* (Marcação) é a ocorrência do item que denota a localização mais um morfema de direção, ambos fortemente atados em um único item lexical (como *into* do inglês); *Projection* (Projeção) é a ocorrência do item que denota a localização mais um morfema de direção, ambos lexicalmente/sintaticamente independentes (como *de perto de*); *Government* (Regência) é a ocorrência da mesma posição que denota localização mais um caso morfológico no N ou D governado pela preposição, como é o caso do alemão; *Reordering* (Reordenamento) é a ocorrência de movimento na estrutura sintática da posição (preposição que passa a posposição); e *Identity* (Identidade) é a mesma posição ou caso codificando ambos, o sentido locativo mais o sentido de direção.

Assim, Zwarts (2010) sugere que, por exemplo, se os conceitos *fonte*+NEAR forem encontrados através de Projeção ('de perto de'), então *fonte*+IN, *fonte*+ON, e *fonte*+AT devem ser codificados por Projeção, Marcação ou Substituição (codificações tão fortes quanto ou mais fortes), mas não por Regência, Reordenamento ou Identidade (estratégias de codificação mais fracas).

Ao examinar o quadro das locuções prepositivas do PB que carregam um nominal codificando um traço axial, podemos verificar que esta previsão de fato se concretiza. Para ilustrar, analisemos dois exemplos: a) 'de baixo de', 'de perto de' e 'de dentro de'. Neste primeiro caso, a regra de Zwarts (2010) prevê que, tendo em vista que a codificação dos conceitos *fonte*+UNDER em PB usa como estratégia a Projeção, a codificação dos conceitos *fonte*+NEAR (de perto de), *fonte*+ON (de cima de) e *fonte*+IN (de dentro de) deveriam usar a mesma estratégia ou estratégias mais fortes, como a Marcação, isto é, um item que denota localização mais um morfema de direção, ambos fortemente atados morfossintaticamente (como é o caso da variante 'debaixo de') ou a Substituição completa, como acontece com 'sob' ou 'sobre'.

Como segundo exemplo, analisemos a locução 'para trás de'. Neste caso, a codificação dos conceitos *alvo*+BEHIND também é feita por Projeção, logo, a codificação de *alvo*+NEAR, *alvo*+ON e *alvo*+AT deve ser feita através de Projeção, Marcação ou Substituição. No caso de *alvo*+NEAR, temos 'para perto de' (Projeção). Já no caso de *alvo*+ON, temos duas possibilidades: 'para cima de' (Projeção) ou 'sobre' (Substituição). Finalmente, para codificar *alvo*+AT, temos a preposição 'para', que se encaixa na estratégia de Substituição.

Embora não tenhamos espaço, neste breve artigo, para apresentar a análise completa, podemos perceber que esta proposta é capaz de prever padrões bastante interessantes da forma como as línguas naturais organizam os seus conceitos. Neste caso também, a noção de hierarquia parece ser central para a aplicação das regras de lexicalização/codificação.

É importante mencionar, ainda, que Zwarts (2010) estende esta análise para o Sistema de Casos de um número representativo de línguas e encontra a mesma hierarquia em funcionamento, com exceção do conceito *under*, que parece se encontrar mais alto na hierarquia de Casos do que na hierarquia de posições. Assim, o autor sugere que "existe uma ordenação dos casos oblíquos (genitivo < preposicional < instrumental) que se alinha com a hierarquia locativa"⁴ (ZWARTS, 2010, p. 102, tradução nossa). Tal constatação indica, portanto, que a hipótese de uma hierarquia universal restringindo a forma como lexicalizamos conceitos espaciais tenha, de fato, embasamento empírico.

Antes de concluir, contudo, é preciso destacar a observação de Zwarts (2010, p. 110) de que é preciso compreender que, por si só, "uma hierarquia é uma maneira particular de descrever um padrão empírico, (mas) não é um construto teórico. Para tal, ela requer uma explicação em termos de propriedades independentes de localizações"⁵. Entendo, assim, que essas propriedades independentes de localização também podem ser sintáticas, e, neste sentido, a Nanossintaxe efetivamente tem explicado de forma elegante como a hierarquia espacial estaria funcionando na estruturação das línguas naturais.

⁴ "[...] there is an ordering of oblique cases (genitive < prepositional < instrumental) that aligns with the location hierarchy."

⁵ "A hierarchy is a particular way of describing an empirical pattern, it is not a theoretical construct. As such it requires an explanation in terms of independent properties of locations."

Ao mesmo tempo, vale lembrar que Zwarts (2010) também chama nossa atenção para o fato de que pesquisas independentes na área de aquisição de linguagem e da gramaticalização chegaram a hierarquias idênticas ou bastante próximas das aqui propostas. De um ponto de vista cognitivo da aquisição, Johnston e Slobin (*apud* ZWARTS, 2010, p. 109, tradução nossa⁶), por exemplo, sugerem que

[...] dois fatores gerais são responsáveis por essa ordem universal: a crescente complexidade cognitiva dos conceitos espaciais subjacentes [...] e a decrescente saliência para baixo ao longo da hierarquia. Eles assumem [...] que as noções topológicas (contenção, apoio, oclusão) são adquiridas antes de noções projetivas (orientações, distâncias), porque são conceitualmente menos complexas. Neste sentido, a hierarquia reflete o crescimento conceitual.

Esse crescimento conceitual, por sua vez, encontra um embasamento teórico na proposta de Jackendoff (1983, 1990). Colocado de forma simples, o princípio proposto por este autor prevê que certos conceitos são mais complexos do que outros, pois uns são construídos a partir dos outros. Tanto a interpretação semântica quanto a derivação sintática observariam, deste modo, a ordem rígida de organização dos traços conceituais. É essa intuição que, vale destacar, está presente em teorias sintáticas e semânticas desde, pelo menos, a Teoria Localista de Gruber (1965) ou a gramática de casos de Fillmore (1967). Como já mencionado, é ela que tem levado, há décadas, semanticistas e sintaticistas a explorarem a relação entre a grade temática de um verbo – seu conjunto de argumentos semânticos – e sua expressão de superfície. Todavia, pode-se dizer que, em consequência da grande variação nos papéis temáticos associados aos mesmos argumentos verbais que surge das investigações desta área, muitos autores exploraram a ideia de uma hierarquia temática.

É importante destacar, assim, que, embora esteja listada entre as tradicionais hierarquias temáticas e seja assim nomeada pelo próprio autor, a hierarquia de Jackendoff (1990) se difere das outras por ser teórica e empiricamente motivada por uma decomposição de eventos dentro de uma Teoria Localista e por se constituir dos traços primitivos que compõem tais eventos. Neste sentido, merece menção o fato de que o próprio autor, por vezes, descreve sua classificação como “Hierarquia Conceitual”, e não temática. É essa palavra, Conceitual, que comporá, assim, a expressão Hierarquia Funcional-conceitual, em uma tentativa de aproximação entre as propostas da Nanossintaxe e de Jackendoff (1983, 1990) que abordaremos na próxima seção.

Voltando à proposta de Jackendoff (1983, 1990), devemos retomar a defesa que este autor faz de uma Teoria Conceitual em relação a uma teoria de papéis temáticos para o estabelecimento da relação entre semântica e sintaxe. Jackendoff (1990) propõe que o termo “papel temático” seja usado no sentido estabelecido dentro da Teoria Localista de Gruber (1965): neste sentido, o papel ou traço primitivo denominado “Tema” é estabelecido como o objeto em movimento ou sendo localizado⁷. Para o autor, o problema com as teorias de papéis

⁶ “Johnston and Slobin hypothesize that two general factors are responsible for this universal order: increasing cognitive complexity of the underlying spatial concepts from left to right and decreasing salience down along the hierarchy. They assume (building on Piaget & Inhelder 1967, for instance) that topological notions (containment, support, occlusion) are acquired before projective notions (orientations, distances) because they are conceptually less complex. In this sense the hierarchy reflects conceptual growth.”

⁷ É importante destacar que a noção de *tema* de Fillmore (1967) como um marcador do Caso Objeto não faz sentido nesta abordagem. Deste modo, em frases como “Sue hit Fred”, embora Fred seja o *tema* para Fillmore, ou o *afetado/paciente* em outras teorias, ele não é o *tema* na proposta de Jackendoff (1990, p. 125), mas o *alvo* da ação.

temáticos e sua resultante grande heterogeneidade é consequência do tratamento dado a estes termos. Isto é, em geral, eles são estabelecidos a partir da sintaxe sem uma clara motivação conceitual:

[...] não se podem estabelecer regras de inferência sobre uma mera lista de papéis temáticos, uma vez que uma lista de papéis temáticos não expressa uma asserção. Por outro lado, se os papéis temáticos são considerados como relações estruturais na Estrutura Conceitual, como aqui proposto, as possibilidades inferenciais crescem diretamente a partir da estrutura na qual o SN carregando o papel- Θ está embutido.⁸ (JACKENDOFF, 1990, p. 40, tradução nossa).

Logo, segundo o autor, ao tratarmos os papéis temáticos como um rótulo estabelecido em decorrência da posição estrutural em que determinado argumento se encontra na Estrutura Conceitual, chegaremos a uma interpretação muito mais direta e precisa. Jackendoff (1990) estabelece, assim, que os papéis temáticos-conceituais são estruturalmente definidos como o primeiro ou o segundo argumento de uma função. Deste modo, como exemplo, podemos tomar o papel Tema: este pode ser definido como o primeiro argumento de uma função-Evento GO, ou de uma função-Estado BE, como na representação abaixo:

(12) [_{Evento} GO ([COISA], [TRAJETÓRIA])] ou [_{Estado} BE ([COISA], [LUGAR])]

Primeiramente, é importante notar que o tradicional papel “Tema” não está representado na estrutura acima, pois sua definição estabelece que este rótulo seria a denominação de uma posição argumental e não de um conceito primitivo da estrutura de eventos. Esta abordagem permite, assim, explicar problemas clássicos de uma hierarquia de papéis temáticos como consequência de distintas configurações da Estrutura Conceitual. Deste modo, para Jackendoff (1990, p. 47, tradução nossa), “[...] papéis temáticos não são mais que configurações particulares na Estrutura Conceitual; os nomes para eles são mnemônicos convenientes para configurações proeminentes particulares.”⁹

No caso dos traços codificados por preposições do PB, por exemplo, dentro dessa perspectiva, um papel temático como *fonte* apareceria na Estrutura Conceitual como o argumento da função-Trajectoria *FROM*, *alvo* seria estruturalmente o argumento da função-Trajectoria *TO*, e *agente* seria o primeiro argumento do Evento-função *CAUSA*, etc. Na organização hierárquica destes conceitos, teríamos, por sua vez, a ordem *VIA*¹⁰ > *FROM* > *TO* > *AT*.

Paralelamente, na Nanossintaxe, verificamos que a proposta é exatamente essa: os diferentes papéis que os argumentos sintáticos desempenham, assim como sua consequente interpretação, têm relação direta com a posição que estes assumem na estrutura codificada em determinada construção. Esse posicionamento parece oferecer ainda uma outra vantagem explicativa. Em muitos casos não centrais, é possível encontrar argumentos que, aparentemente, não estão associados a nenhum dos papéis temáticos clássicos.

⁸ “[...] one can not state inference rules over a mere list of thematic roles, since a list of thematic roles does not express an assertion. On the other hand, if thematic roles are regarded as structural relations in conceptual structure, as proposed here, the inferential possibilities grow directly out of the structure in which the theta-role bearing SN are embeded.”

⁹ “In other words, thematic roles are nothing but particular configurations in conceptual structure; the names for them are just conveniente memonics for particular prominent configurations”.

¹⁰ Para Jackendoff (1990), o conceito de *VIA* seria uma função que devolveria uma trajetória de um ponto A a um ponto B, mais ou menos como o conceito de *rota* proposto por Pantcheva (2011). Um exemplo de lexicalização desse conceito seria a preposição ‘across’ do inglês.

Para exemplificar, nas sentenças “João pulou a cerca” ou “João escalou a Pedra da Gávea”, os argumentos ‘a cerca’ ou ‘a Pedra da Gávea’ não recebem nenhum nome de papel temático em grande parte das abordagens tradicionais. Paralelamente, na Hierarquia Conceitual, seu papel está bem definido como um argumento de *VIA* (ou *rota*) e é exatamente este sentido que ambas as expressões contribuem para a interpretação das sentenças.

Assim, para concluir, levando em conta que a noção de papel temático adotada por Jackendoff se refere a um sistema de relações conceituais estruturais, é possível prever que “[...] as restrições sobre seu número e tipo são consequência de qualquer restrição existente na gama de funções conceituais necessárias para expressar os significados de verbos e preposições”¹¹ (JACKENDOFF, 1990, p. 49, tradução nossa). Em termos nanossintáticos, seu número e tipo vai depender da ontologia de traços/projeções necessários e possíveis para a construção dos significados de verbos e preposições. Finalmente, segundo Jackendoff (1990), o desafio de uma teoria Conceitual estaria na busca de um vocabulário preciso que aponte tal ontologia.

Nanossintaticamente, podemos entender essa busca como a postulação dos traços/projeções que compõem a Hierarquia ou Sequência Funcional, assim como sua verificação empírica. Portanto, na próxima seção, abordaremos as propostas de Caha (2009), Pantcheva (2011) e Svenonius (2007, 2010) para a decomposição dos sentidos espaciais.

A Hierarquia Funcional na Nanossintaxe

Como já mencionado, um dos princípios propostos dentro da Nanossintaxe é a hipótese de que a Sequência Funcional seja universal e opere restringindo as possibilidades de lexicalização e, conseqüentemente, de variação nas formas de superfície das línguas naturais (STARKE, 2010). Investigadores dentro desse quadro teórico têm trabalhado para o estabelecimento dos traços primitivos que compõem esta sequência hierárquica, buscando motivações teóricas e empíricas para justificar a postulação de cada traço.

Caha (2009), por exemplo, expõe uma detalhada análise para os sistemas de casos de distintas línguas que explicaria a grande variação encontrada translinguisticamente na expressão de superfície de tais conceitos. Segundo o autor, certas línguas possuem um sistema morfológico abundante para marcar caso, ao passo que outras codificam os mesmos conceitos através de preposições. Para Caha (2009), essa constatação pode ser traduzida no princípio abaixo:

- (13) A hierarquia preposição/sufixo (CAHA, 2009, p. 30):
- a. Se a expressão de um caso particular na Sequência de Casos (abaixo) envolver uma preposição, então todos os casos a sua direita também envolvem uma preposição¹².
 - b. A Sequência de Casos: NOM – ACC – GEN – DAT – INS – COM¹³

¹¹ “The constraints on their number and type follow from whatever constraints exist on the range of conceptual functions necessary to express the meanings of verbs and prepositions.”

¹² “The preposition/suffix hierarchy: (a) If the expression of a particular case in the Case sequence (below) involves a preposition, then all cases to its right do as well. (b) The Case sequence: nom – acc – gen – dat – ins – com.”

¹³ Sequência de Casos: Nominativo - Acusativo - Genitivo - Dativo - Instrumental - Comitativo.

Para ilustrar tal sequência, consideremos línguas como o inglês, o francês, o português e o búlgaro: estes idiomas exibem sufixação (Caso morfológico) somente para os casos Nominativo e Acusativo. Tendo em vista que o caso Genitivo é codificado por uma preposição ('de', no PB), verifica-se corretamente que todos os outros casos à direita (Dativo, Instrumental e Comitativo) sejam expressos por preposições ('para'/'a' - Dativo - e 'com' - Instrumental e Comitativo -, no PB).

Analisando as preposições utilizadas para codificar sentidos espaciais, Pantcheva (2011), a partir da proposta de Svenonius (2007, 2010) e de uma análise translinguística abrangente, também chega a uma proposta de Hierarquia/Sequência Funcional universal. Segundo a autora, a evidência central para a sua proposta de decomposição do SP é a verificação de que muitas línguas aglutinantes e analíticas arquetetam os conceitos mais complexos de *alvo*, *fonte* e *rota* a partir de morfemas que comumente codificam o conceito mais básico de *lugar*.

Na língua lak¹⁴, por exemplo, a autora observa que o sentido de *alvo* é estabelecido a partir da adição de um sufixo '-n' ao sufixo simples '-vu' que tradicionalmente denota *lugar*, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

- (14) Exemplos retirados de Pantcheva (2011, p. 97)
- a. kəat-lu-vu
casa-ERG-INESS¹⁵
na casa
 - b. kəat-lu-vu-n
casa-ERG-INESS-ALL
para a casa

No quadro abaixo, igualmente reproduzido de Pantcheva (2011, p. 97), podemos notar como não se trata de um caso isolado na língua em questão:

Quadro 1. Reprodução do Quadro 6.1 de Pantcheva (2011): sistema de caso espacial em lak

	Localização	Alvo	Fonte	Rota	Direção
In	-vu	-vu-n	-vu-a(tu)	-vu-x	-vu-n-maj
On	-j	-j-n	-j-a(tu)	-j-x	-j-n-maj
Behind	-x	-x-n	-xu-a(tu)	-xu-x	-xu-n-maj
Under	-lu	-lu-n	-l-a(tu)	-lu-x	-lu-n-maj
At	-č'a	-č'a-n	-č'a-a(tu)	-č'a-x	-č'a-n-maj
By	-c'	-c'u-n	-c'-a(tu)	-c'u-x	-c'u-n-maj

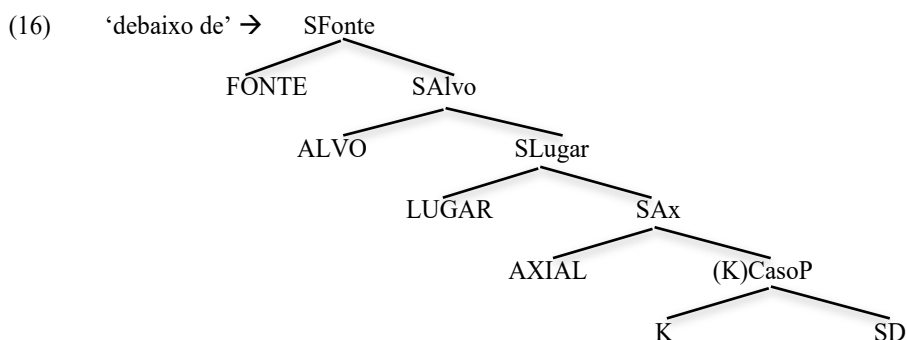
Após amplo trabalho de análise, a autora chega a uma decomposição máxima para o SP que conteria os traços *rota*, *fonte*, *alvo* e *lugar*. Além destes traços, a proposta de Svenonius (2007, 2010) ainda prevê a decomposição de *Loc/lugar* em dois traços: *lugar* e *axial*. Finalmente, abaixo do traço axial e sobre o SN, teríamos o traço Caso. Logo, uma preposição complexa como 'debaixo de', no PB, codificaria a estrutura nanossintática abaixo:

¹⁴ Lak: língua caucásica falada pelos laks, uma etnia do Daguestão. Dados de Murkelinskij (1967 *apud* PANTCHEVA, 2011, p. 97) e Zhirkov (1955 *apud* PANTCHEVA, 2011, p. 97).

¹⁵ O caso inessivo é um tipo de caso locativo normalmente associado ao sentido de interioridade.

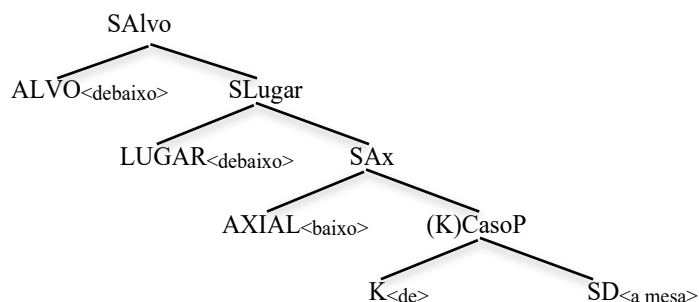
(15) [FONTE..[ALVO..[LUGAR..[AXIAL..[CASO..[N]]]]]]]

Esta mesma hierarquia funcional poderia ser representada em uma estrutura arbórea como em (16):

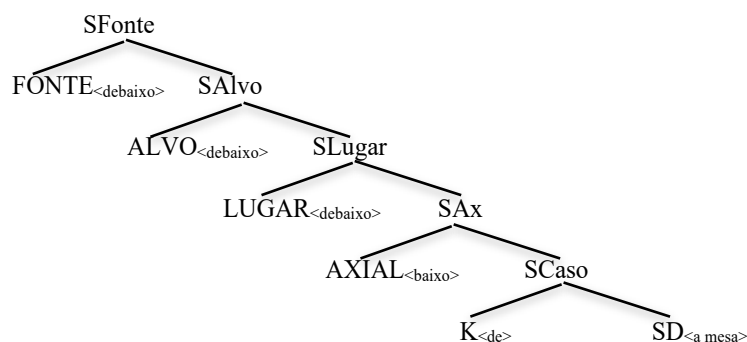


Ela estaria disponível e seria passível de combinação (inserção em termos tradicionais) toda vez que a sintaxe constrói uma estrutura com estes traços ou uma subestrutura da mesma:¹⁶

(17) Joana correu **debaixo da mesa** para se esconder.



(18) Joana saiu **de baixo da mesa**.



Como podemos constatar com a observação dos exemplos acima, mais do que a evidência sintático-semântica para a postulação de cada nó estrutural, as pesquisas dentro da Nanossintaxe têm demonstrado que não só os primitivos conceituais se organizam para criar as árvores nanossintáticas que espelham as sentenças que produzimos, mas também que eles estão organizados de maneira hierárquica bastante rígida. Uma das hipóteses mais atraentes da teoria é, portanto, a postulação desta Hierarquia Funcional (ou Funcional-Conceitual, tendo em vista sua estruturação a partir de conceitos primitivos) como um princípio universal.

¹⁶ Observando-se, para isso, o Princípio do Superconjunto (CAHA, 2009).

Para explorar um pouco mais tal hipótese, vamos passar para a análise de mais um caso do PB, as preposições complexas ‘atrás de’ e ‘de trás de’.

Breve análise de ‘de trás de’ e ‘atrás de’

Para iniciar esta análise, retomemos os exemplos (04) a (07) apresentados no início deste artigo (agora (19) a (22)) em comparação com (23):

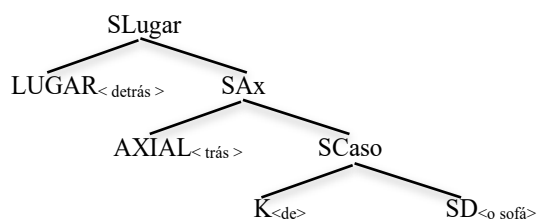
- (19) Se escondeu atrás da casa.
- (20) Se escondeu de trás da casa.
- (21) Correu atrás dos meninos.
- (22) Correu de trás dos meninos.
- (23) Saiu de trás da árvore.

Como já foi observado, a preposição complexa ‘atrás de’, em PB, parece estar codificando os sentidos de *lugar* e *alvo*. Isso significaria, em termos nanossintáticos, que esta preposição carregaria a estrutura [ALVO[LUGAR[AXIAL]]]. Paralelamente, a preposição ‘de trás de’ parece codificar, para além dos sentidos de *lugar* e *alvo*, o sentido de *fonte*, como se pode depreender da interpretação de (23). Assim, este item estaria carregando a estrutura [FONTE[ALVO[LUGAR[AXIAL]]]].

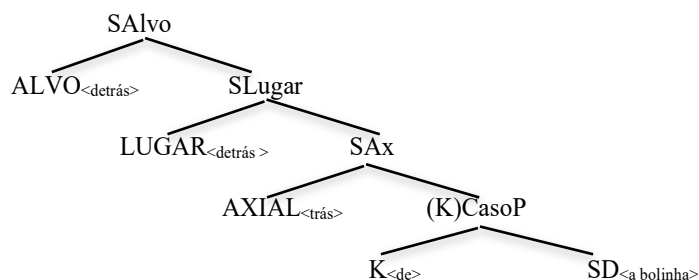
Que previsões tal afirmação faria sobre os usos destes itens? Como já foi mencionado, um item que carregue os traços [A[B[C]]] pode ser usado na lexicalização de uma estrutura idêntica à sua, ou de uma subestrutura daquela, respeitando-se a hierarquia. Isto é, o item fictício acima poderia ser usado para codificar uma construção sintática contendo [A[B[C]]], [B[C]] ou somente [C].

De fato, é isso que verificamos nas ocorrências da expressão ‘de trás de’ em PB. Ela pode ser empregada para lexicalizar tanto construções que expressam somente a localização da figura ou do movimento [LUGAR[AXIAL]] (como em (24) abaixo), quanto construções que expressam o alvo do movimento [ALVO[LUGAR[AXIAL]]] (como em (24)) ou a origem deste [FONTE[ALVO[LUGAR[AXIAL]]]] (como em (26)):

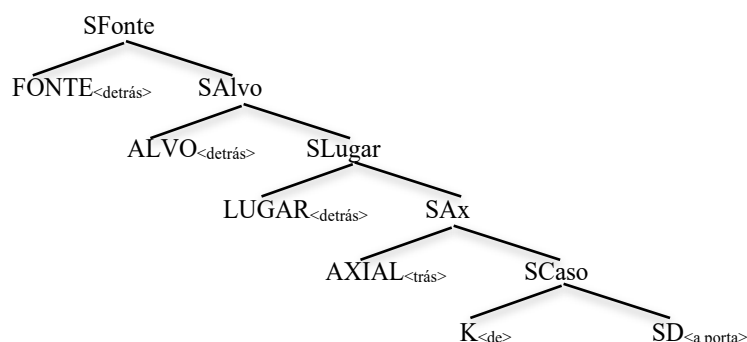
- (24) Joana se escondeu **de trás do sofá**.



(25) Joana correu **detrás da bolinha**.

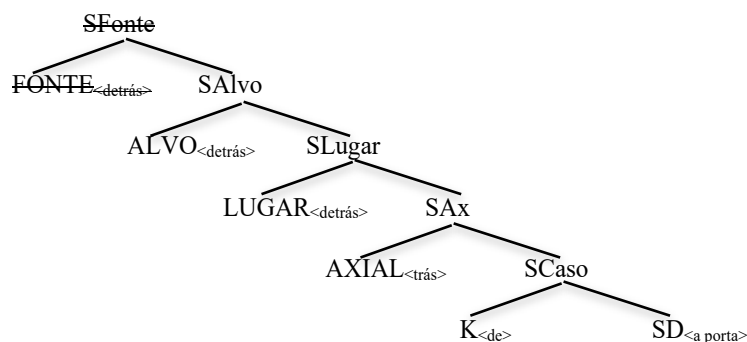


(26) Joana saiu **detrás da porta**.



A preposição ‘atrás de’, por sua vez, não pode ser usada para codificar o sentido de origem ou procedência do movimento, uma vez que não codifica o traço *fonte*:

(27) *Joana saiu **atrás da porta**.



Considerações finais

Este artigo teve a intenção de discutir a noção de hierarquia e sua força explicativa. Para tal, revisamos a conceptualização de hierarquia funcional ou conceitual em distintas abordagens e concluímos que sua aplicação permite uma melhor compreensão dos fenômenos de variação que observamos no sistema preposicional do PB. Além disso, foi possível perceber que tanto a Semântica Conceitual como a Nanossintaxe adotam a hipótese de que a sintaxe é restringida pela ordem e relação mútua dos conceitos primitivos ou traços conceituais. Seria possível postular, então, que tanto as operações sintáticas, como os princípios de lexicalização sintagmática estariam restringidos por uma Hierarquia Funcional-Conceitual.

Também é importante destacar que ambas as propostas pressupõem que esta Hierarquia seja universal, i.e., ela seria reflexo da Estrutura Conceitual (JACKENDOFF 1983, 1990) subjacente a todas as línguas naturais. A riqueza e diversidade que observamos nos dados de superfície, portanto, seriam consequência das distintas estratégias e mecanismos que as línguas têm para empacotar partes da hierarquia dentro dos itens de seu léxico.

É importante ainda registrar que, em variados trabalhos dentro de pesquisas sobre gramaticalização, encontramos hierarquias e variações clinais ('clines', no inglês) apontando para uma ordem fixa que, alguns autores interpretam, estaria restringindo os possíveis caminhos da mudança linguística. Exemplo disso, podemos citar a trajetória *Léxico* > *Sintaxe* > *Morfologia* > *Morfofonêmica* > *zero*, proposta por Castilho (2004), ou a modificação *Verbo pleno* > *Verbo auxiliar* citada por Eckardt (2006).

Faz-se necessário reconhecer, assim, que tais padrões não podem ser ignorados. Se eles não são os mecanismos que, efetivamente, controlam a variação e a mudança, sua existência deve ao menos nos indicar que existe um maquinário linguístico favorecendo determinado caminho/estratégia. Como já vimos, os modelos da Nanossintaxe e da Semântica Conceitual se baseiam muito fortemente na hipótese de uma hierarquia universal que estaria restringindo a maneira e a ordem da lexicalização dos traços conceituais. Logo, seria possível vislumbrar com um bom grau de confiança que as trajetórias encontradas nos processos de gramaticalização possam estar refletindo as restrições que tal hierarquia impõe.

Espera-se que esta discussão possa contribuir para os estudos que consideram a noção de hierarquias funcionais e conceituais como uma promissora ferramenta de análise para a variação e mudança.

REFERÊNCIAS

- CAHA, P. Case movement in PPs. *Nordlyd*, v. 34, n. 2, p. 240-299, 2007.
- _____. The case hierarchy as functional sequence. In: RICHARDS, M.; MALCHUKOV, A. L. (Eds.). *Scales*. LINGUISTISCHE ARBEITS BERICHTE 86, p. 247-276, Universität Leipzig, 2008. Disponível em: <http://www.uni-leipzig.de/~asw/lab/lab86/LAB86_Caha.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- _____. *The nanosyntax of case*. 2009. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Tromsø, Tromsø, 2009.
- _____. *Spell-out (Morphosyntax)*. Bruxelas, Bélgica, 7-11 abril 2014. Minicurso ministrado na First Glow Spring School (GSS1): 'Theories in Dialogue'. Generative Linguistics in the Old World – GLOW 37.
- CASTILHO, A. T. O problema da gramaticalização das preposições no Projeto Para a História do Português Brasileiro. *Estudos linguísticos XXXIII*, v. 33, p. 982-988, 2004. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/edicoes.php>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- ECKARDT, R. *Meaning change in grammaticalization: an enquiry into semantic reanalysis*. New York: Oxford University Press, 2006.
- FÁBREGAS, A. An argument for phrasal spell-out: Indefinites and interrogatives in Spanish. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, p. 129-168, 2009.
- _____. The exhaustive lexicalisation principle. *Nordlyd*, v. 34, n. 2, p. 165-199, 2007.

FILLMORE, C. J. The case for case. In: BAHG, E.; HARMS, R. (Eds.). *Proceedings of the Texas Symposium on Language Universals*. April. 1967. p. 1-90. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED019631>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GRUBER, J. F. *Studies in lexical relations*. 1965. 305 f. Tese (Doutorado em Letras Modernas e Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1965.

JACKENDOFF, R. Your theory of language evolution depends on your theory of language. In: LARSON, R. K.; DÉPREZ, V.; YAMAKIDO, H. (Eds.). *The evolution of human language: Biolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 63-72. Disponível em: <<http://ase.tufts.edu/cogstud/jackendoff/papers/languageevolution.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

_____. *Foundations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *Semantic Structures*. v. 18. Cambridge: MIT Press, 1990.

_____. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.

_____. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

PANTCHEVA, M. B. The syntactic structure of locations, goals, and sources. *Linguistics*, 48, n. 5, p. 1043-1081. 2010.

_____. *Decomposing Path: The Nanosyntax of Directional Expressions*. 2011. 301 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Tromsø, Tromsø, 2011.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: BLS 4: General Session. *Annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 38, p. 157-189, 1978. Disponível em: <<http://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/2198>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

RAMCHAND, G. *Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a.

_____. Lexical items in complex predications: Selection as underassociation. *Nordlyd*, v. 35, n. 1, 2008b.

_____. Minimalist semantics. In: BOECKX, C. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 449-471.

RAMCHAND, G.; SVENONIUS, P. Deriving the functional hierarchy. *Language Sciences*, v. 46, p. 152-174, 2014.

SOARES, E. C.; MENUZZI, S. M. Introduzindo e problematizando papéis temáticos e hierarquias temáticas: uma questão de interfaces. *Signo*, v. 35, n. 59, p. 13-43, 2010.

SON, N.; SVENONIUS, P. Microparameters of cross-linguistic variation: Direct motion and resultatives. In: ABNER, N.; BISHOP, J. (Eds.). *Proceedings of the 27th west coast conference on formal linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010. 388-396. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/07b6/c9b64242b8a94763a9a40d739e838bad4e8f.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2017.

STARKE, M. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, p. 1-16. 2010.

_____. On the inexistence of specifiers and the nature of heads. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford: Oxford University Press Inc., 2004. p. 252-268.

_____. *Towards an elegant solution to language variation: Variation reduces to the size of lexically stored trees*. Não publicado. 2011. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001183/current.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SVENONIUS, P. Spatial P in English. In: CINQUE, Z.; RIZZI, L. (Eds.). *Mapping spatial PPs: The cartography of syntactic structures*, v. 6, p. 127-160, 2010.

_____. The emergence of axial parts. In: SVENONIUS, P.; PANTCHEVA, M. (Eds.). *Nordlyd, Tromsø Working Papers in Language & Linguistics*: 33.1, Special Issue on Adpositions, p. 49-77. University of Tromsø, Tromsø, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2004.

ZWARTS, J. A hierarchy of locations: Evidence from the encoding of direction in adpositions and cases. *Linguistics*, v. 48, n. 5, p. 983-1009, 2010.

_____. Priorities in the production of prepositions. In: ASBURY, A.; DOTLACIL, J.; GEHRKE, B.; NOUWEN, R. (Eds.). *Syntax and Semantics of Spatial P*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2008. p. 85-102.

Recebido em: 22/09/2017

Aprovado em: 21/08/2018